

}2.2.

Para uma consideração silenciosa da palavra poética

José Pedro Angélico*

Estranha forma de estar viva
esta necessidade de traduzir-se
em palavras¹

Não falemos para já de transcendência, nem nos rendamos à tentadora vulgaridade de a mergulhar dentro de um verso. Refiro-me metaforicamente a essa imersão simbólico-ritual que supõe uma dinâmica de configuração crítica. Começo por evitá-la, precisamente porque me parece que a tendência para o concordismo teológico-literário, como em tantos outros de tonalidade apologética, conduz à banalidade e à esterilidade do discurso, neste caso, em torno da palavra poética. Prefiro deixar-me interpelar pela imanentíssima arte poética de uma poetisa como Miriam Reyes. Creio que o fundamental não residiria, portanto, na possibilidade ou na intencionalidade de dizer o transcendente, mas na própria transcendentalidade que se desdobra da constituição estrutural do *homo loquens*.

* Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia (Porto); Cátedra Poesia e Transcendência 'Sophia de Mello Breyner; Centro de Estudos de Filosofia.

¹ Miriam Reyes, *Desalajos*, Madrid: Hiperión 2008, 9.

Repito que vivo enclausurado na agilidade de um animal nascido
 Correndo ao lado dele, correndo para ele – era assim
 Que eu queria que fosse a linguagem veloz:
 Uma casa para a infância com trepadeiras
 Para que as palavras ficassem como frutos no alto.

Repito a corrida na memória quando estou parado
 Penso velozmente que o amor, como Dante disse, é um estado
 De locomoção. É um motor. E fico a trabalhar no mecanismo secreto
 Do amor.

Sei que estou em viagem na palavra que se move.

Repito o trajecto para ver o poema de novo – era assim
 Que eu queria que fosse a linguagem de uma coisa amada
 Correndo ao meu lado, correndo para mim no mecanismo violento
 Do amor. Era nele que eu queria a casa com trepadeiras
 Onde as palavras ficassem silenciosas e altas como um pátio interior.²

O silêncio é a autêntica vocação da palavra. Dar-lhe corpo, transubstanciando-o em verbo, é tão-somente a consequência de uma trágica necessidade, precisamente a mesma que subjaz o dizer filosófico ou, até mesmo, o teológico. A transcendência da palavra seria, por isso, a transfiguração da sua imanência em silêncio. E nesse movimento, inevitável também, vai inscrita uma outra tragicidade: a «dificuldade de fazer sentido», como diria Jean-Luc Nancy³. O sentido da poesia, que lhe é ausente e por isso a torna não coincidente consigo mesma, encontra-se sempre *in statu nascendi* (*toujours à faire*)⁴, o que implica também o seu *status moriendi*, paradoxal umbral do abismo.

O seu abismo, o traz colado às solas do caminho.
 “Acção, desejo, sonho, infelizmente, tudo é abismo.”
 Diz Pascal quando na sua pele os pêlos se eriçam
 De medo que, tantas vezes, o vento traz consigo,
 Por todo o lado, em cima em baixo no profundo
 No silêncio no espaço horrível e fascinante.

² Daniel Faria, *Poesia*, Vila Nova de Famalicão: Quasi 2003, 132.

³ Jean-Luc Nancy, *Résistance de la poésie*, Bordeaux : William Blake et compagnie 1997, 11.

⁴ Cf. *Ibid.*, 10.

Nas noites por fundo, Deus com o seu mindinho
Desenha em contínuo um mil patas de sentido.

Temo dormir, como se teme um buraco fundo
A pulular de um mal vago, sem termo conhecido.

Nas janelas, o que existe é infinito a perder de vista
A horrorizar-me o espírito que teme a vertigem
E inveja a insensibilidade do vazio.

Números e seres são a forma angustiante do mundo.⁵

Contudo, a este afã de dizer a realidade, que é estruturalmente trágico porque inevitável – nas palavras de Leonardo Coimbra, uma forma de «eternizar o instante»⁶ –, corresponde um escondido e inconsciente desejo ao qual não se deve renunciar, pois que diz respeito à região ainda por conhecer do ser-que-fala-e-pensa⁷.

Parte substancial dessa dificuldade, de que falava Jean-Luc Nancy, repousa sobre a instituição ocidental de uma distância entre o pensamento e a poesia. Não obstante a exceção, que quase sempre confirma a regra, filosofia e poesia seguiram caminhos distintos, e até conflitantes, desde a emancipação platónica da primeira. A poesia, «imoral como a própria carne»⁸, como diria María Zambrano em torno ao seu juízo platónico, constituía na verdade uma «heresia diante da ideia de verdade dos gregos»⁹. Por essa razão, a filósofa malaguenha não hesita em afirmar:

Apesar de em alguns mortais afortunados poesia e pensamento terem acontecido ao mesmo tempo, paralelamente; apesar de noutros ainda mais afortunados poesia e pensamento se terem unido numa única forma expressiva, a verdade é que pensamento e poesia se enfrentam gravemente ao longo da nossa cultura. Cada uma delas quer eternamente para si a alma onde

⁵ Charles Baudelaire, *As Flores do Mal* (tradução de Maria Gabriela Llansol), Lisboa: Relógio d'Água 2003, 339-341.

⁶ Leonardo Coimbra, *Dispersos. Vol. 1: Poesia Portuguesa*, Lisboa: Verbo 1983, 18.

⁷ Cf. Alain Badiou, *L'Étique, essai sur la conscience du mal*, Paris: Hatier 1993, *apud*: John D. Caputo, "Hermenéutica espectral: sobre la debilidad de Dios y la teología del acontecimiento", in: John D. Caputo – Gianni Vattimo, *Después de la muerte de Dios. Conversaciones sobre religión, política y cultura*, Barcelona: Paidós 2010, 93.

⁸ María Zambrano, *Filosofía y poesía*, Madrid: Fondo de Cultura Económica 1993, 46.

⁹ *Ibid.*, 47.

habita. E a sua dupla tensão pode ser a causa de algumas vocações malogradas e de muita angústia interminável desfeita em esterilidade.¹⁰

Não é por acaso que Teixeira de Pascoaes dizia, em o *Homem Universal*, que «a poesia é a teologia dos heréticos»¹¹. Heréticos não são blasfemos. Blasfémia, e não necessariamente voluntária, diz respeito ao ato de «proferir o nome de Deus, sem advertir o seu dinamismo simbólico, isto é, sem saber que estamos perante um nome santo que nomeia o Inominável e, portanto, enjaulando-o nas redes dos conceitos ordinários»¹² – diria Pedro Castelao. E a *blasfémia involuntária* é tão-somente a outra face da *banalidade intrascendente*¹³. A heresia aqui entendida significa a transgressão redentora que celebra a palavra-que-espera-o-silêncio. Por isso, diz Pascoaes, «a poesia não está com os sacerdotes do Templo; está com os Profetas do Deserto»¹⁴.

Significando assim a poesia uma «suspensão da função descritiva»¹⁵ da linguagem e implicando uma *inovação semântica*¹⁶, pode dizer-se, com Ricoeur, que «o discurso referencial termina no umbral do discurso poético. Aí a linguagem celebra-se. Ou, ainda que pareça referir-se a algo, fá-lo no sentido de que expressa emoções que são totalmente subjetivas e nada acrescentam à descrição do mundo. Assim, nomear Deus é, na melhor das hipóteses, uma atividade poética sem qualquer pretensão descritiva; ou seja, sem qualquer pretensão de verdadeiro conhecimento do mundo»¹⁷.

Perante as ambiguidades da experiência (também religiosa) e o carácter dinâmico do que possa ser Deus, a dificuldade da poesia, cuja mediação partilha com a filosofia, é a mesma do dizer teológico. E se George Steiner chega a afirmar que, «nascida da poesia, a filosofia retornará no final do tempo ao *grande oceano da poesia*»¹⁸, desde aí se pode postular igualmente um retorno da teologia à poesia, como teopoética¹⁹, já que a transcendentalidade do humano que

¹⁰ *Ibid.*, 13.

¹¹ Teixeira de Pascoaes, *O Homem Universal e Outros Escritos*, Lisboa: Assírio & Alvim 1993, 84.

¹² Pedro Castelao, *La visión de lo invisible. Contra la banalidad intrascendente*, Santander: Sal Terrae 2015, 117.

¹³ Cf. *Ibid.*, 117.

¹⁴ Teixeira de Pascoaes, *A Saudade e o Saudosismo*, Lisboa: Assírio & Alvim 1988, 264.

¹⁵ Paul Ricoeur, *Figuring the Sacred. Religion, Narrative, and Imagination*, Minneapolis: Fortress Press, 1995, 222.

¹⁶ Cf. *Ibid.*, 232.

¹⁷ *Ibid.*, 221.

¹⁸ George Steiner, *La poesía del pensamiento. Del helenismo a Celan*, Madrid: Siruela 2012, 212.

¹⁹ «Quello che con la "teopoetica" si vuole superare, piuttosto, è l'idea che l'esperienza di e con Dio debba passare dentro i sistemi teologici ed ecclesiastici chiusi nel loro stile conservatore e incapaci di lasciarsi interrogare dalla storia e dalle sue domande». [Marco dal Corso, "La

percebe o divino não se dá primeiramente numa teologia metafísica especulativa, mas em expressões fundamentalmente (ainda que nem sempre formalmente) poéticas²⁰. E também por isso parece ter razão Pascoaes, quando afirma que «a obra poética ou é religiosa, isto é, espiritualizante da existência, ou então, não passa de uma obra plástico-decorativa, como qualquer paisagem numa parede, ou dentro dum quadrado fechado, sem um respiradouro»²¹. A não ser meramente decorativa, ou plástica, a poesia há de supor uma «introdução abrupta de uma instabilidade dentro do possível, uma quebra da regra, da ordem estabelecida, da linha horizontal sobre a qual acontecem as coisas»²² – diria Nuno Higinio. Não sei, mas talvez seja isso a que se refere Jorge Melícias:

*Onde o relâmpago tange o poema
há uma altivez bípede.*

Um barro anímico
sobre a exaltação dos foles,

Aéreo como o alumínio nas crinas.²³

No movimento da *invenção*, que irmana o literato e o filósofo²⁴ – como bem refletiu Nuno Higinio a partir de J. Derrida –, há uma espécie de *transimanência*, conceito que recolhe, num outro escrito²⁵, de Jean-Luc Nancy. Nesse breve ensaio sobre a poesia de Sophia, começa por uma espécie de advertência:

Imanência, transcendência, transimanência. A meu ver, nenhum destes miradouros conceptuais é o melhor para olhar a poesia. Não que ela não se

teopoética di Rubem Alves", in: Martin Lintner (ed.), *God in Question. Religious Language and Secular Languages*, Brixen: Verlag A. Weger 2014, 389.]

²⁰ «These documents of faith do not primarily contain theological statements, in the sense of metaphysical speculative theology, but expressions embedded in such modes of discourse as narratives, prophecies, legislative texts, proverbs and wisdom sayings, hymns, prayers, and liturgical formulas. These are the ordinary expressions of religious faith». [Paul Ricoeur, *Figuring the Sacred*, 37]

²¹ Teixeira de Pascoaes, *Ensaio de Exegese Literária e Vária Escrita*, Lisboa: Assírio & Alvim 2004, 55.

²² Nuno Higinio, "Entre filosofia e literatura: responsabilidade infinita", *Humanística e Teologia* 32/2 (2011) 73.

²³ Jorge Melícias, *alvídrio*, Porto: Cosmorama 2014, 98.

²⁴ Cf. Nuno Higinio, "Entre filosofia e literatura", 73-76.

²⁵ Cf. Nuno Higinio, "A transimanência da poesia de Sophia. Uma leitura com Jean-Luc Nancy", in: Jorge Cunha – M. Celeste Natário – Renato Epifânio (coord.), *Palavra, Escuta e Silêncio: Filosofia, Teologia e Literatura*, Porto: UCE 2014, 307-317.

deixe olhar. Mas os olhos, assim condicionados ou divididos, pouco podem enxergar. (...)

Vamos admitir que imanência e transcendência não são dois campos incomunicáveis e separados por um dualismo intransponível, pois se nada mais de comum houvesse entre eles, havia pelo menos uma implicação espacial. Enquanto a imanência diz respeito a uma atividade que permanece dentro do agente e tem nele o seu próprio fim, a transcendência requer uma saída: movimento, trânsito, escalada, passagem dum lugar a outro, ultrapassando um certo limite. Tanto a permanência como a partida não são concebíveis sem espaço. (...) O acontecimento não tem lugar. O acontecimento é lugar.²⁶

Quando explora o conceito de *transimanência* de Nancy, Nuno Higinio define-a como raiana, dizendo que a «fronteira é um lugar possível para o acontecimento. Esta é a afirmação fundamental duma visão transimanente da realidade. (...) As coisas não acontecem necessariamente além ou aquém. Acontecem no seu lugar e o seu lugar é, por natureza, um lugar de partilha. A meu ver, isto é decisivo para a poesia. Imobilizar a poesia, e a arte, aqui ou além, demarcar-lhe um território mais ou menos ajuizado, por respeito sagrado, pode significar perder-lhe precisamente o respeito»²⁷. Esta era, segundo me parece, a intuição fundamental de María Zambrano sobre a poesia: «A poesia é uma abertura do ser para dentro e para fora, ao mesmo tempo»²⁸. Por isso, «não pode estabelecer-se a si mesma, não pode definir-se a si mesma. Não pode pretender encontrar-se, pois então perde-se»²⁹.

Aquilo que parece ser comum a Jean-Luc Nancy, María Zambrano, Nuno Higinio, George Steiner ou Paul Ricœur é essa intuição – mais explícita nuns que noutros – de que poesia, ou literatura, e pensamento, seja ele filosófico ou teológico, habitam um mesmo lugar fronteiriço.

Num outro registo, Jean-Yves Lacoste diria que «o homem não habita simplesmente o mundo ou a terra, mas existe num “entre dois”, entre os deuses e as realidades terrestres»³⁰. A poesia seria assim, como o espaço litúrgico, «lugar de antecipação frágil»³¹, pois «o Absoluto não concede presença alguma sobre o mundo sem que tal presença se conforme com os modos nos quais o mundo não a manifesta com evidência (o mundo não é o âmbito da

²⁶ *Ibid.*, 309-310.

²⁷ *Ibid.*, 314.

²⁸ María Zambrano, *Filosofía y poesía*, 110.

²⁹ *Ibid.*, 121.

³⁰ Jean-Yves Lacoste, *Experiencia y Absoluto. Cuestiones que se encuentran en discusión sobre la humanidad del hombre*, Salamanca: Sígueme 2010, 28.

³¹ *Ibid.*, 57.

teofania, é o claro-escuro, o da presença “kenótica” ou do sacramento)»³². E se o pensamento, filosófico ou teológico, o não intuiu, captaram-no os poetas³³:

Eu sei que o tempo
tem outro nome
diferente do teu.³⁴

Uma vez mais, Rainer Maria Rilke:

A última casa desta aldeia está
tão só como a última casa do mundo.

A estrada, que a pequena aldeia não detém,
prolonga-se lentamente pela noite fora.

A pequena aldeia é só uma passagem,
cheia de medos e pressentimentos, entre duas amplidões,
caminho ao longo das casas, em vez de pontão.

E os que deixam a aldeia jornadeiam longamente,
E muitos morrem talvez pelo caminho.³⁵

Daniel Faria sabe que está «em viagem na palavra que se move»³⁶, que anda «um pouco acima do chão» e «humildemente nos arredores do verbo»³⁷, que ama «no intenso tráfego»³⁸ e «como um planeta em rotação difusa»³⁹. Sabe ainda que a arte poética é um exercício penelopiano⁴⁰, porque sabe como Ruy

³² *Ibid.*, 55-56.

³³ «No somos ni siquiera todo lo que tenemos. Y si fuera posible el reunirlo en un instante determinado; reunir, juntar todo lo que tenemos en todos sus poderes, en acto, cuerpo, alma, pensamiento, veríamos que teníamos muy poca cosa, que la unidad seguía faltando. Y esto que el filósofo debería haber sabido, lo supo el poeta. No es que no le importara la unidad, no; era injusta la condena. Sino que siempre supo que no la conseguiría más que saliéndose de sí, entregándose, olvidándose». [María Zambrano, *Filosofía y poesía*, 109-110]

³⁴ Rainer Maria Rilke, *Poemas. As Elegias de Duíno. Sonetos a Orfeu* (prefácios, seleção e tradução de Paulo Quintela), Porto: Asa 2001, 102.

³⁵ *Ibid.*, 103.

³⁶ Daniel Faria, *Poesia*, 132.

³⁷ *Ibid.*, 39.

³⁸ *Ibid.*, 238.

³⁹ *Ibid.*, 239.

⁴⁰ Cf. *Ibid.*, 369.

Belo que «todo o caminho é de regresso»⁴¹, da palavra e do silêncio que se despe⁴², mas também sabe, como Fernando Guimarães, que *a palavra que ainda não existe é a que mais lhe pertence*⁴³. Sem qualquer pretensão de exegese literária, agrada-me pensar que tem razão Eduardo Lourenço:

O paradoxo, filho do espanto que instaura o filosofar, vive ainda do que combate. Diante dele abrem-se de súbito as terras prometidas, mas a promessa não pode ser cumprida. A viagem é sem termo. Como Moisés, morremos à vista do que sempre buscamos. A Filosofia é uma vitória em Ideia: o mundo já não nos dispersa segundo o seu crucificante tumulto, mas o Instante que somos discursiva em silêncio a sua dificuldade de dominar o mundo. Na mais idealista das filosofias nós continuamos ainda prisioneiros do mundo. E tanto mais prisioneiros quanto maior é a convicção de estarmos libertos. O paradoxo, a dialéctica, refazem às direitas um mundo às avessas ou vice-versa. Mas é o mesmo mundo.

Só a palavra poética é libertação do mundo. Em luta com a mastigação discursiva do mundo, ela descobre por rara e imerecida graça a passagem para esse Instante onde repousaríamos sempre, mesmo que a nossa marcha fosse mais vertiginosa que a luz. De repente estamos num continente novo e descobrimos que essa terra nos esperava há muito.⁴⁴

Talvez seja a terra do silêncio a promessa a que a palavra se encontra ancorada:

Há-de ser o silêncio. Ele vem de novo ao teu encontro como se o esperasses. Talvez seja maior a tranquilidade que existe no único caminho que vinhas percorrer. Sabes que se esta sombra te acompanha é porque nela habitas.⁴⁵

Talvez seja o silêncio a transcendência da palavra e o lugar do encontro, onde repousa a palavra que é do silêncio *transimanência*, caixa de ressonância do *poeta das origens e da nova criação*⁴⁶, o horizonte ou a terra prometida dessa «longa ausência que há dentro dos poemas»⁴⁷.

⁴¹ Ruy Belo, *Aquele Grande Rio Eufrates*, Lisboa: Presença 1996, 79.

⁴² Cf. Daniel Faria, *Poesia*, 386.

⁴³ Cf. Fernando Guimarães, *Os Caminhos Habitados*, Porto: Afrontamento 2013, 88.

⁴⁴ Eduardo Lourenço, *Tempo e Poesia*, Lisboa: Gradiva 2003, 37-38.

⁴⁵ Fernando Guimarães, *Os Caminhos Habitados*, 59.

⁴⁶ Cf. José Augusto Mourão, *O Nome e a Forma. Poesia Reunida*, Lisboa: Pedra Angular 2009, 118; 189.

⁴⁷ Daniel Faria, *Poesia*, 399.